

Quem venceu a Guerra do Iraque? Um estudo sobre a invasão ao Iraque e suas consequências para o Irã

Camila Vidal¹
Maria Eduarda Treis²

Resumo: Esse artigo trata das consequências da Guerra do Iraque, iniciada em 2003 com a invasão estadunidense ao país, para o Oriente Médio e, em específico, para o Irã. A partir de uma abordagem própria do Realismo Ofensivo, essa pesquisa busca apresentar como o Irã, tradicional inimigo dos Estados Unidos, se beneficiou dessa guerra. Para isso, o trabalho se apropria de dados primários para analisar os ganhos econômicos e estratégicos que a Guerra do Iraque proporcionou ao Irã. Como resultado, observamos que esse conflito representou para o Irã ganhos econômicos e estratégicos caracterizados pela aproximação com seu antigo rival introduzindo, assim, uma nova organização de forças e uma nova geopolítica na região do Oriente Médio.

Palavras-chave: Guerra do Iraque, Irã, Doutrina Bush.

Who won the Iraq War? A study of the invasion on Iraq and its consequences to Iran

Abstract: This article deals with the consequences of the Iraq War, started in 2003 with the invasion of the United States in the country, to the Middle East and, specifically, to Iran. From an Offensive Realist perspective, this research aims to present how Iran, a traditional enemy of the United States, benefited from this war. As such, this work uses primary data to analyze the economic and strategic gains that the Iraq War provided to Iran. As a result, we observed that this conflict represented to Iran economic and strategic gains characterized by the proximity with its ancient rival introducing, therefore, a new organization of forces and new geopolitics in the Middle East region.

Keywords: Iraq war, Iran, Bush Doctrine.

Introdução

¹ Camila Feix Vidal é professora no Departamento de Economia e Relações Internacionais e no Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui Bacharelado em Relações Internacionais pela Florida International University (FIU) e Mestrado e Doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: camila.vidal@ufsc.br

² Maria Eduarda Jark Treis é graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atualmente atua como trader internacional na empresa Polaris Trade, Florianópolis (SC). Contato: dudisjt@gmail.com

Desde o ataque de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas, o governo estadunidense já gastou mais de 6,4 trilhões de dólares em sua cruzada de guerra ao terror (CRAWFORD, 2019). A política externa dos Estados Unidos no período posterior ao 9/11 foi marcada pelo discurso contrário a países inseridos no “Eixo do Mal” (BUSH, 2002), entre eles, o Irã. Após a invasão estadunidense no Afeganistão, apoiada por outras nações como o Reino Unido, Alemanha e Canadá; os Estados Unidos deram início a um novo projeto de guerra, agora no Iraque sob a justificativa de que esse país representava uma ameaça à paz e à segurança ocidental. A invasão ao Iraque, em 2003 pelos Estados Unidos, entretanto, não teve apoio internacional. Considerada uma das guerras mais desnecessárias já travadas (MEARSHEIMER; WALT, 2009), existe a percepção na comunidade internacional de que o grande vencedor da guerra não foi nem o país invasor, nem (por óbvio) o invadido, mas sim a República Islâmica do Irã (PANARMENIAN, 2008).

O presente trabalho, assim, tem como objetivo analisar as consequências econômicas e estratégicas da Guerra do Iraque para a República Islâmica do Irã entre os anos desde o início da guerra (2003) até os dias atuais. Para isso, utilizamos das lentes teóricas próprias do Realismo Ofensivo de John Mearsheimer em que afirma que “o objetivo predominante de cada Estado é maximizar sua parcela de poder mundial, o que significa ganhar poder à custa de outros Estados” (MEARSHEIMER, 2001, p. 2). Desenvolvendo a partir de tal proposição, a teoria realista ofensiva tem como um de seus pilares o entendimento de que o objetivo final de uma potência é se tornar o *hegemon*, ou seja, se tornar uma potência tão forte que domina todas as outras e com a qual nenhum outro Estado possui os meios necessários para travar um conflito sério (MEARSHEIMER, 2001). Os Estados Unidos, nessa lógica, buscariam exercer papel de hegemon no sistema internacional enquanto o ataque de 11 de setembro providenciaria a justificativa de atuação.

Nesse sentido, é válido lembrar que a orientação de política externa adotada durante o governo de George W. Bush desenvolveu-se a partir da Doutrina Bush. Lançada em janeiro de 2002 no documento “*Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América*”, a doutrina em questão possui como pilares a defesa da legitimidade de ataques preventivos e da divisão do mundo entre amigos e inimigos caracterizando esses últimos dentro de um suposto “eixo do mal”. A invasão ao Iraque, parte da estratégia justificada pela Doutrina Bush não é, entretanto, uma ruptura na política externa desse país. A decisão de invadir o Iraque e depor Saddam Hussein é, antes de tudo, reflexo da continuidade no padrão de atuação dos Estados Unidos no sistema internacional.

Ainda que outros estudos da academia brasileira já terem se dedicado à política externa da Doutrina Bush (GOMES, 2007; RESENDE, 2011) inclusive sob a ótica realista (BRITTO, 2003) e suas consequências para outras regiões como a América Latina (PECEQUILO; BATISTA; 2009), são poucos aqueles que se dedicam às consequências dessa política externa para o Irã no âmbito da Guerra do Iraque, principalmente em termos econômicos e estratégicos como a presente pesquisa o fará. Nesse sentido, serão analisados dados relacionados ao crescimento do PIB iraniano e às características do comércio exterior do país levando em conta suas relações com o Iraque e com outros parceiros econômicos no Oriente Médio desde 2001. Tais dados foram coletados de plataformas como *The World Bank*, *The Atlas of Economic Complexity*, *Trading Economics*, *SIPRI Arms Transfers Database* e a *International Energy Agency* e serão compilados a partir de gráficos e tabelas. Em relação à dimensão estratégica, o foco será no aumento da proximidade entre Irã e Iraque no pós-invasão. Para entender o novo papel da potência Islâmica no Iraque, serão analisados dados em relação à questão xiita em ambos os países, à nova presença política do Irã no Iraque - partidos apoiados e suas representações na nova administração iraquiana -, o papel da mídia como instrumento de política externa, o aumento expressivo do turismo religioso entre os países vizinhos e as consequências desta aproximação para o Irã no âmbito internacional. Para isso serão utilizados dados coletados no *Pew Research Center*, *International Institute for Strategic Studies*, *Inter-Parliamentary Union Database* e *United Nations Digital Library*. O artigo está dividido em duas partes: a primeira contextualizando o Irã e o Iraque no Oriente Médio e a segunda parte apresentando as consequências da invasão estadunidense ao Iraque para o Irã.

1. As Repúblicas do Iraque e do Irã: contextualizando as diferenças

Ao contrário de outras regiões do globo que possuem limites geográficos bastante claros, a região do Oriente Médio é definida por questões geopolíticas. Nesse sentido, o presente trabalho se utilizará da conceituação de Grande Oriente Médio (GOM) apresentada por Mehdi Amineh (2007) e que abrange os países do norte da África, os países do Oriente

Médio árabe (Síria, Líbano, Palestina, Jordânia, Iraque, Arábia Saudita, e Estados do Golfo Pérsico), os países não árabes do Oriente Médio, como Irã, Turquia e Israel, os Estados do Afeganistão e Paquistão, e os países da Eurásia Central (AMINEH, 2007). O presente trabalho tem como objetivo o estudo de apenas dois deles: a República Islâmica do Irã e a República do Iraque.

Durante a história, as relações entre Irã e Iraque foram marcadas por momentos de conflito e tensão por conta de divergências políticas e/ou religiosas. Nesse tabuleiro estratégico, o Islamismo exerce um papel fundamental. A divisão entre xiitas³ e sunitas⁴ faz parte da história islâmica e do Oriente Médio e é uma das principais razões de conflitos na região. É, por outro lado, uma característica essencial para explicar a reaproximação entre Irã e Iraque após a invasão do último pelos Estados Unidos.

1.1 A República Islâmica do Irã

Conhecida como Pérsia até 1935, a República Islâmica do Irã é a segunda maior nação do Oriente Médio em território e divide suas fronteiras com outros sete países, inclusive com o Iraque. Por ser uma nação persa (e não árabe) o Irã enfrenta certo distanciamento político, cultural e religioso em relação a seus vizinhos e outros países do Oriente Médio. Devido à sua posição estratégica na região e a posse de abundantes recursos naturais, como a segunda maior reserva de petróleo da região e a segunda maior reserva de gás natural do mundo, o Irã exerce posição estratégica regional.

Entre 1925 e 1979, o Irã foi governado pela Dinastia do Xá, um reinado da família Pahlevi imposto a partir de um golpe de Estado do militar Reza Pahlevi Khan que derrotou a ocupação britânica no país. Uma das características principais do período em questão foi a aproximação do país com o ocidente, em específico com os Estados Unidos. Em 1979, entretanto, a Revolução Iraniana liderada pelo líder religioso Aiatolá Khomeini destituiu a família Pahlevi resultando em esfriamento das relações entre Irã e Estados Unidos. A Revolução de 1979 deu início a um regime diferenciado que engloba elementos de uma democracia parlamentar com a teocracia islâmica liderado pelo clérigo xiita. Inspirados pelas Revoluções Argelina e Cubana, a doutrina reformista iraniana associava elementos marxistas, xiitas, revolucionários e patriotas; mas que caracterizava o xiismo como “uma fé

³ Os xiitas atualmente representam uma parcela de cerca de um décimo de todos os muçulmanos e são a maioria em diversos Estados, inclusive nas duas nações estudadas nesse artigo: Irã e Iraque (BBC, 2020).

⁴ Os sunitas representam cerca de 85% a 90% dos muçulmanos no mundo e sua tradição é muito forte em alguns países, em específico na Arábia Saudita.

ativista que exigia que seus adeptos se opusessem à injustiça e afirmassem sua herança cultural em face dos modelos ocidentais de desenvolvimento” (CLEVELAND e BUNTON, 2018).

A Revolução de 1979 reestruturou não só a sociedade iraniana, mas também a política externa iraniana. Abandonando as alianças ocidentais, o Irã passou a ser visto como uma ameaça aos Estados Unidos. As tensões entre esses países aumentaram durante a Crise dos Reféns no final de 1979 em Teerã - situação envolvendo um grupo de estudantes e revolucionários iranianos que invadiram a embaixada dos Estados Unidos e mantiveram 57 funcionários estadunidenses reféns por 444 dias. A Revolução também trouxe à tona novos conflitos com o vizinho direto da República Islâmica, o Iraque, representando o pior momento na história das relações bilaterais entre Irã e Iraque. Nesse sentido, se no início da década de 1980, a República Islâmica havia conseguido superar grande parte de suas disputas internas e adquirir controle sobre a vida política iraniana, novas ameaças começaram a surgir e culminam com um conflito contra o Iraque que durou oito anos. De acordo com Cleveland e Bunton,

As questões que dividiram os dois países variaram desde a rivalidade cultural de longa data entre as civilizações árabe e persa a disputas imediatas sobre fronteiras e direitos de navegação, as interpretações conflitantes do papel do nacionalismo e da religião na vida pública [...] para o regime iraquiano, o desafio mais desconcertante apresentado por Khomeini foi seu apelo direto aos xiitas do Iraque para derrubar Hussein (CLEVELAND e BUNTON, 2018, p. 440).

Além das tensões regionais e religiosas entre os dois países, é necessário destacar aqui o papel dos Estados Unidos no conflito em questão. Durante o período da Guerra Irã e Iraque, o governo dos Estados Unidos, sob responsabilidade do presidente republicano Ronald Reagan e seu vice-presidente George H. W. Bush, e tendo como justificativa a luta contra a ameaça comunista, apoiou o regime de Saddam Hussein contra a República Islâmica do Irã.

O fim do conflito em 1988 deixou ambos os países em situação crítica. Para o Irã, entretanto, a morte do aiatolá Khomeini em 1989 expôs ainda mais as disputas internas. Após um período de liderança do presidente Ali Akbar Hashemi Rafsanjani que se caracterizou por uma política de liberalização econômica e privatização de indústrias, Mohammad Khatami se torna o novo presidente eleito em 1997, novamente decepcionando os conservadores iranianos até ser substituído em 2005 pelo conservador Mahmoud Ahmadinejad.

Externamente, os anos seguintes ao fim da Guerra Irã-Iraque foram marcados por diversos incidentes de política externa que fizeram com que as relações entre o Irã e o ocidente oscilassem. Essa oscilação pode ser vista em algumas situações, como, por exemplo, durante a presidência de Rafsanjani, quando o presidente pressionou pelo restabelecimento das relações econômicas com o Ocidente, mas se opôs a integrar a força da ONU durante a invasão do Kuwait. Os ataques às Torres Gêmeas em 2001, entretanto, e a forma com que os Estados Unidos lidaram com a questão tornaram as relações entre Irã e esse país cada vez mais complexas chegando a relativa hostilidade quando o então presidente Bush lista a República Islâmica entre os países parte do “Eixo do Mal”. A clara tensão existente entre ambas as potências fez com que, logo após os ataques ao World Trade Center, o Irã começasse a se preocupar com a atuação dos Estados Unidos no Oriente Médio.

Em relação aos seus vizinhos no Oriente Médio, a nova configuração do “Eixo do Mal” criada pelo ocidente levou a uma reaproximação entre países historicamente inimigos, como é o caso do Irã e do Iraque, e de países que apresentam características marcantes em comum, como é o caso do Crescente Xiita. O Irã, antes de 2003, passava então por um período de crescentes tensões internas devido às tentativas de reformas liberais, o descontentamento da elite conservadora e a tentativa de retomada da sua economia em muito prejudicada durante a Guerra contra o Iraque. A República Islâmica viu, então, na invasão de seu vizinho, o Iraque, uma oportunidade para se reestruturar como potência regional, de formar novas alianças e de adotar uma estratégia defensiva.

1.2 A República do Iraque

O Estado moderno do Iraque, apesar de ter conquistado formalmente a independência em 1932, permaneceu sujeito ao Reino Unido até a queda da monarquia em 1958 com a instalação do regime nacionalista árabe do Partido Ba’ath, cuja liderança foi assumida por Saddam Hussein. O Iraque, naquele momento, representava um novo Estado criado a partir

da junção das províncias otomanas Basra, Bagdá e Mosul que possuíam pouco em comum. A maioria da população iraquiana era composta de árabes - cerca de 80% - divididos em termos religiosos. Apesar de mais da metade dos habitantes árabes ser xiita e manter laços estreitos com os vizinhos iranianos, os britânicos apoiaram uma minoria sunita ao poder. Se levarmos em conta a existência ainda de uma população curda relativamente grande - cerca de 20% da população total – é possível entender como a fusão forçada em um único país fez com que a formação de uma nação se tornasse excepcionalmente difícil (CLEVELAND e BUNTON, 2018).

Na década de 1920, o petróleo dos países do Oriente Médio era um dos maiores interesses dos países imperialistas na região. Nesse sentido, apesar de encorajar a independência iraquiana, a Grã-Bretanha tentava simultaneamente garantir nesse país concessões favoráveis ao petróleo. Em 1925 foi assinada uma concessão para os britânicos de setenta e cinco anos com a empresa que viria a se tornar a *Iraq Petroleum Company* (CLEVELAND e BUNTON, 2018). A consolidação do poder nas mãos de britânicos e de seus representantes no país acarretou uma tendência sectária na política iraquiana ao concentrar poder em muçulmanos sunitas, embora os xiitas ainda fossem a maioria da população árabe no país. A situação, entretanto, seria revertida em 2003 com a ocupação dos Estados Unidos no país.

Em 1941 a Guerra Anglo-Iraquiana dividiu ainda mais a elite dirigente. Em 1958, após um golpe de Estado liderado por Abd al-Karim Qasim, foi derrubada a monarquia Hashimita instalada pelos britânicos 37 anos atrás dando início à República Iraquiana. Em seus primeiros anos, o país enfrentou um período de bastante instabilidade devido à revolução interna proclamada e a ascensão do Pan-Arabismo, mas, ao mesmo tempo, externamente representou um período de relativa aproximação com a União Soviética (URSS) e afastamento do Ocidente (CLEVELAND e BUNTON, 2018). Em 1968 o país veio a enfrentar um novo golpe de Estado trazendo ao poder um regime que durou por 35 anos, representado pelo sunita Saddam Hussein.

Internamente, o país continuou a enfrentar diversas tensões étnicas e religiosas com os curdos e árabes xiitas. Ambos os grupos mantiveram relações com o governo iraniano, contrário à liderança do partido Ba'ath e de Hussein. No âmbito externo, se, por um lado o regime Ba'ath foi marcado pela continuidade das relações com a URSS, por outro lado, iniciou uma reaproximação com o Ocidente devido à entrada do país no mercado global por meio do petróleo. Tendo o Golfo Pérsico como uma oportunidade de exercer influência regional, a relação do Iraque com os países desta região melhorou notavelmente e, devido aos seus novos laços econômicos no Ocidente, a política externa adotada para o mundo árabe foi mais moderada. Essa política permitiu que houvesse cooperação entre os estados árabes e que a influência de Saddam Hussein crescesse cada vez mais, até atingir um nível de proeminência regional (CLEVELAND e BUNTON, 2018).

Os anos de 1980 e 1988 foram marcados pelo conflito armado entre Irã e Iraque. Durante esses anos, a URSS continuou sendo o principal fornecedor de armamentos para o Iraque que foi também auxiliado por potências ocidentais, dentre elas, os Estados Unidos. Nesse momento, o inimigo estadunidense no Oriente Médio era o aiatolá Khomeini, não Saddam Hussein. Entretanto, em 1990, outro conflito se inicia quando as forças armadas do Iraque invadiram o Kuwait. Com a ajuda estadunidense ao Kuwait, o conflito resultou em devastação do Iraque e criação de um novo problema envolvendo refugiados. É a Guerra do Golfo e a atuação estadunidense contrária ao Iraque que marca o início das hostilidades entre esses dois países culminando na Guerra do Iraque em 2003. Apesar do apoio estadunidense a Saddam Hussein durante a Guerra entre Irã e Iraque, o plano de derrubar o regime Ba'ath de Saddam foi iniciado já na década de 1990 com a Guerra do Golfo. De fato, a invasão de 2003 liderada por George W. Bush foi fortemente influenciada pelos mesmos neoconservadores presentes no governo de seu pai.

O fim do século XX e o início do século XXI foram caracterizados por fortes tensões entre o Iraque, os países vizinhos e as potências ocidentais - em especial os Estados Unidos. O embargo econômico das Nações Unidas forçado ao país durante a Guerra do Golfo persistiu após o fim desta e ficou condicionado à aceitação da demarcação da fronteira Iraque-Kuwait conforme o acordo bilateral de 1963, à entrega das armas de destruição em massa e à destruição da capacidade de construí-las. Por fim, em março de 2003, os Estados Unidos e aliados invadiram o Iraque com a justificativa de ataque preventivo para destruir supostas armas de destruição em massa iraquianas e depor Saddam Hussein. O plano iniciado na década de 1990 na administração do pai do então presidente foi finalmente

completado. De acordo com James DeFronzo (2009), a coalizão liderada pelos EUA contou um território de difícil controle e de crescente força anti-ocupação que culminou em uma violência sectária entre árabes sunitas e xiitas sem precedentes na história do Iraque.

A reação à invasão foi diferente para cada grupo social do país. Enquanto grande maioria dos curdos a apoiavam, árabes sunitas a condenavam temendo a ascensão do fundamentalismo xiita iraquiano, enquanto os xiitas comemoram a retirada de Saddam do poder, mas duvidavam das intenções estadunidenses (DEFRONZO, 2018). As eleições que ocorreram em 2005 resultaram, pela primeira vez, na vitória dos partidos xiitas que haviam sido marginalizados por todo o regime sunita Ba'ath. A violência sectária e uma nova onda de refugiados foram resultado da intervenção e ocupação estadunidense no Iraque:

A esperança deu lugar ao desespero, ao medo, à hostilidade crescente contra os ocupantes e à angústia de que o fundamentalismo estava envolvendo o Iraque. Os erros americanos foram vistos como levando ao mais alto nível de violência sectária e terrorismo na história do Iraque, incluindo o assassinato de mais de duzentos professores universitários e a emigração de muitos mais (DEFRONZO, 2018, p. 256, tradução livre).

O caos social acarretado pela intervenção estadunidense, entretanto, representou uma mudança de paradigma e uma possibilidade de reaproximação das nações vizinhas Irã e Iraque.

2. Consequências econômicas e estratégicas da Guerra do Iraque para o Irã

Teerã está indiscutivelmente entre os maiores beneficiários, embora inadvertidamente, da invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Os Estados Unidos não apenas neutralizaram a nêmesis histórica do Irã, ou seja, o regime sunita ba'athista em Bagdá, mas também facilitaram o início de um novo capítulo nas relações bilaterais de Teerã com o Iraque (HEYDARIAN, 2012).

Um dos objetivos da política externa estadunidense com a invasão do Iraque era a contenção do Irã como uma possível potência regional (PECEQUILO, 2003). Os dados apresentados aqui, entretanto, nos indicam que não só esse objetivo não foi alcançado, como a Guerra do Iraque beneficiou econômica e estrategicamente o Irã. Uma das principais

consequências da política externa da Doutrina Bush no Iraque foi a reaproximação desses dois países vizinhos.

2.1 Análise econômica

O fim do regime de Saddam Hussein permitiu com que as relações econômicas bilaterais entre Irã e Iraque pudessem progredir. A localização do Iraque é estratégica para o Irã dado o vasto território iraquiano, situado no norte da Península Arábica e localizado sobre o ponto médio entre três continentes; o significado marítimo que a região possui e que lhe permitiu desempenhar um papel fundamental na determinação dos interesses econômicos e políticos de diversos Estados; e a importância geoestratégica devido à existência das maiores reservas de petróleo (MOEH e ABDULLAH, 2016). Nesse sentido, o Irã viu no Iraque pós-Hussein uma oportunidade de reconstruir sua própria economia. Para analisar empiricamente o momento em questão foram coletados dados coletados no Atlas of Economic Complexity de onde foi elaborada tabela (abaixo) apontando os 10 principais países exportadores para o Iraque de 2001 a 2011.

Tabela 1: Ranking dos 10 principais países dos quais o Iraque importou de 2001 a 2006

Ranking de Exportação para o Iraque por País - 2001 a 2011						
2001		2002		2003		
País	% de mercado	País	% de mercado	País	% de mercado	
1º	França	11,15%	Jordânia	9,85%	Turquia	14,99%
2º	Jordânia	10%	Emirados Árabes	8,26%	Emirados Árabes	11,54%
3º	Vietnã	7,64%	França	7,29%	Jordânia	9,81%
4º	China	7,45%	Vietnã	7,18%	Irã	7,91%
5º	Itália	6,12%	China	6,87%	Síria	6,30%
6º	Alemanha	5,63%	Alemanha	6,10%	Estados Unidos	5,60%
7º	Ucrânia	5,53%	Rússia	5,98%	Alemanha	4,16%
8º	Austrália	4,03%	Itália	5,17%	Reino Unido	3,83%
9º	Japão	3,61%	Japão	4,64%	Kuwait	3,25%
10º	Rússia	3,53%	Índia	4,29%	França	3,17%

2004		2005		2006		
País	% de mercado	País	% de mercado	País	% de mercado	
1º	Síria	18,14%	Turquia	22,45%	Turquia	21%
2º	Turquia	15,49%	Emirados Árabes	17,64%	Irã	14%
3º	Paquistão	7,97%	Estados Unidos	11,22%	Estados Unidos	12%
4º	Estados Unidos	7,29%	Irã	7,49%	Emirados Árabes	9%
5º	Emirados Árabes	6,47%	Jordânia	5,99%	Síria	6%
6º	Jordânia	6,23%	China	3,33%	Jordânia	5%
7º	Irã	4,03%	Itália	2,96%	China	4%
8º	Alemanha	3,86%	Alemanha	2,77%	Alemanha	4%
9º	França	2,47%	Síria	2,30%	Índia	2%
10º	Líbano	2,17%	França	2,12%	Tailândia	2%

Fonte: Elaboração própria com base em *The Atlas of Economic Complexity (2021)*

Em 2001, dois anos antes do início da ocupação estadunidense do Iraque, as exportações iranianas representavam 2,7% do total de importações feitas pelo Iraque. A partir de 2003, ano em que se iniciou a ocupação estadunidense no Iraque, pode-se perceber que uma aproximação econômica quando o Irã se torna um dos dez países com maior exportação para o Iraque. Ao alcançarmos o ano de 2011, que marcou o fim da ocupação dos EUA no Iraque, o Irã já abastecia 13% do mercado iraquiano perdendo apenas para a Turquia:

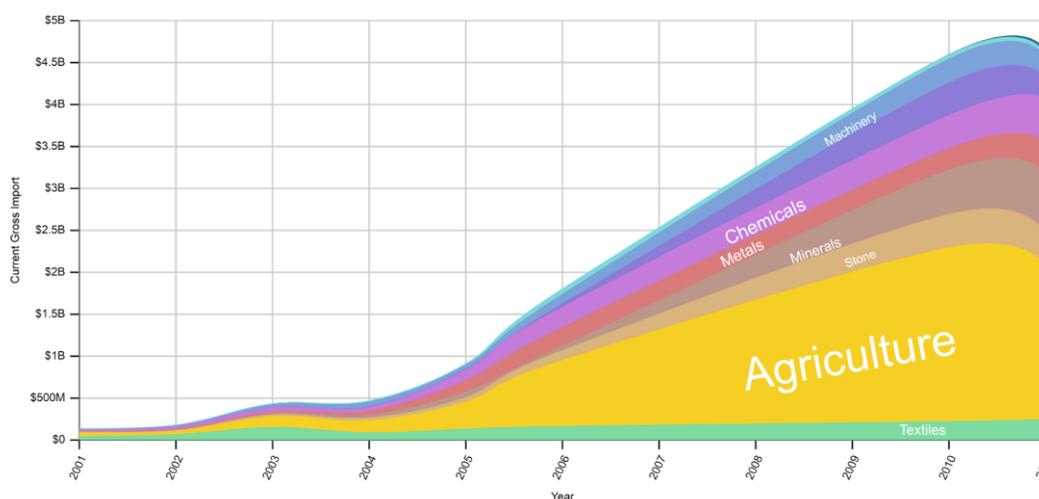
Tabela 2: Ranking dos 10 principais países dos quais o Iraque importou de 2010 e 2011

	2010		2011	
	País	% de mercado	País	% de mercado
1º	Turquia	19%	Turquia	24%
2º	Irã	14%	Irã	13%
3º	China	11%	China	11%
4º	Síria	7%	Estados Unidos	7%
5º	Emirados Árabes	7%	Emirados Árabes	5%
6º	Estados Unidos	5%	Alemanha	5%
7º	Alemanha	4%	Coreia do Sul	4%
8º	Coreia do Sul	4%	Jordânia	3%
9º	Jordânia	4%	França	3%
10º	França	2%	Itália	2%

Fonte: Elaboração própria com base em *The Atlas of Economic Complexity (2021)*

Aproveitando-se do fim do governo anterior, majoritariamente sunita, e da força das relações entre xiitas iranianos e iraquianos; as empresas iranianas começaram a se espalhar pelo Iraque buscando aumentar sua porcentagem no mercado do país e aproximá-los economicamente. O Irã então passou da 13ª posição no ranking de países exportadores para o Iraque em 2001 para a 2ª posição em 2011. Ao analisarmos apenas as relações econômicas bilaterais entre Irã e Iraque, é possível visualizar ainda melhor o crescimento das exportações em termos absolutos. O gráfico abaixo mostra que em 2001 as importações iranianas advindas do Irã tiveram um valor de cerca de 143 milhões de dólares enquanto em 2011 esse valor havia alcançado a marca de 4,6 bilhões de dólares.

Figura 1: Importações iraquianas advindas do Irã de 2001 a 2011



Fonte: *The Atlas of Economic Complexity (2021)*

Os produtos iranianos passaram a representar uma parcela significativa das importações do Iraque. É possível perceber que a maior parte das exportações iranianas consiste em produtos agrícolas, além de produtos eletrônicos, materiais de construção, maquinários e automóveis. O Irã também passou ainda a atuar em áreas como saúde, educação e projetos de infraestrutura no Iraque, fortalecendo ainda mais seu relacionamento com o país vizinho.

Além das exportações diretas para o Iraque, a aproximação do Irã com o país abriu também as fronteiras iranianas para os mercados da Síria e do Líbano. A presença iraniana no Iraque permitiu com que fosse estabelecido um corredor para mover homens e armas para as forças *proxy* na Síria e no Líbano (ARANGO, 2017). Nesse sentido, o gráfico abaixo representa as exportações iranianas de armamentos entre 2001 e 2011 e a tabela seguinte especifica os maiores importadores desse setor.

Figura 2: Exportações iranianas de armas de 2001 a 2012



Fonte: *Trading Economics (2021)*

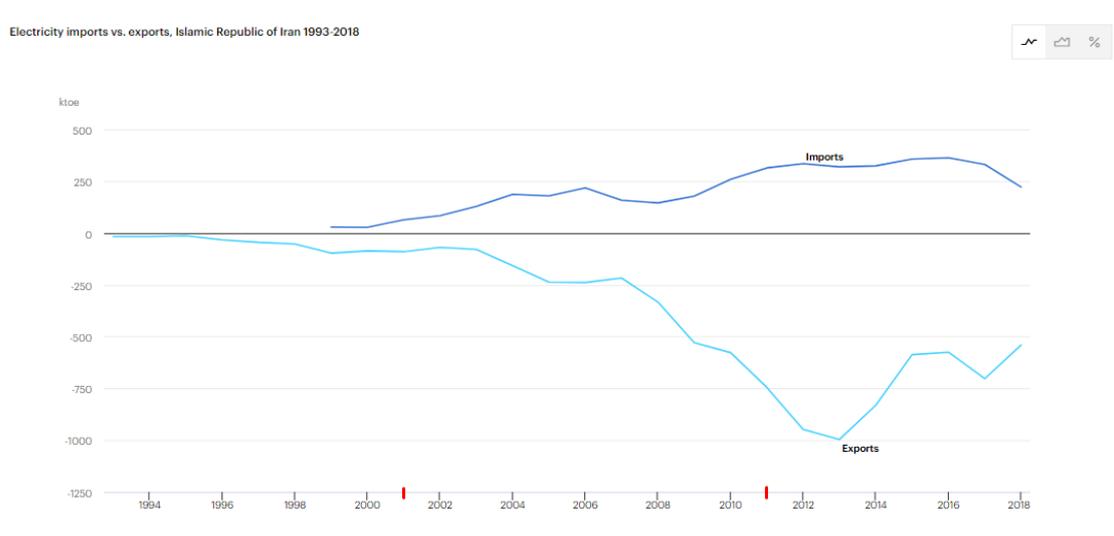
Tabela 3: Maiores importadores de armas do Irã de 2001 a 2011 (em milhões de dólares)

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Hezbollah (Líbano)*		3		1	0	6						10
Sudão			9		2	15		3				28
Síria						54		40	45	45	83	266
Total		3	9	1	2	75		43	45	45	83	304

Fonte: Elaboração própria através dos dados do *SIPRI Arms Transfers Database (2021)*

Enquanto os Estados Unidos invadiram o Iraque em 2003 com o objetivo de derrubar Saddam Hussein e expandir sua hegemonia, o Irã via uma chance de fazer do seu antigo inimigo um novo Estado cliente, tornando-o dependente economicamente e servindo como um ponto estratégico para a influência iraniana na região - começando pelo controle do corredor ligando Teerã ao Mediterrâneo. Um dos setores onde fica mais claro o sucesso da República Islâmica do Irã na missão de tornar o Iraque dependente de sua influência é o setor energético. O gráfico abaixo apresenta a relação entre exportações e importações de energia elétrica por parte do Irã, onde é possível perceber um aumento das exportações a partir de 2003 contrastada com um pequeno aumento também nas importações.

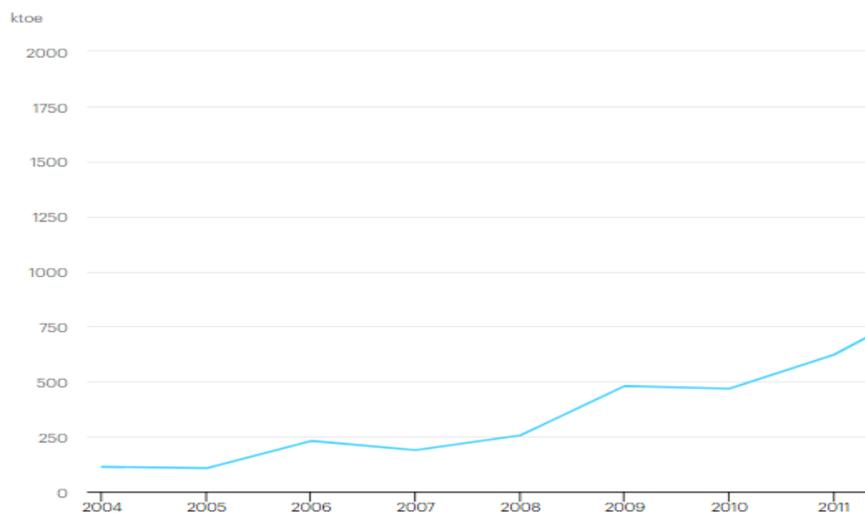
Figura 3: Exportações e importações iranianas de energia elétrica de 1993 a 2018



Fonte: *International Energy Agency (2021)*

Já o gráfico seguinte diz respeito às importações iraquianas que apresentaram um crescimento significativo e que, conforme Relatório Econômico do Banco Central iraniano sobre os anos de 2010/11 (CBI, 2011), representaram 74% das exportações de energia elétrica do Irã.

Figura 4: Importações iraquianas de energia elétrica de 2004 a 2011



Fonte: *International Energy Agency (2021)*

Além de energia elétrica, o Iraque tornou-se dependente do Irã também em relação às importações de gás natural. Segundo a IEA, a incapacidade de utilizar suas riquezas de gás significa que o déficit de gás do país aumentou e o Iraque passou a depender das importações do Irã para atender à crescente demanda:

Figura 5: Exportações e importações iranianas de gás natural de 1990 a 2011



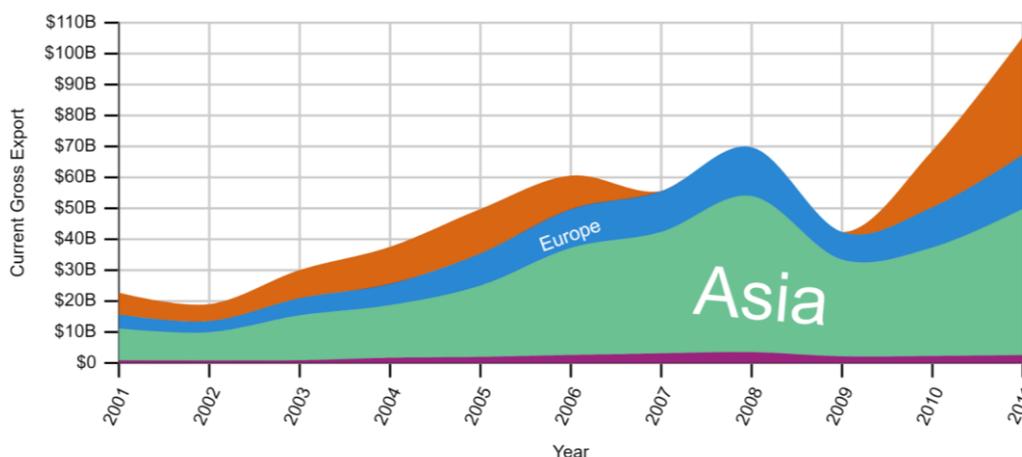
Fonte: *International Energy Agency (2021)*

Outro ponto importante, diz respeito às exportações do setor petrolífero. Conforme o Relatório Econômico Anual produzido pelo Banco Central do Irã no ano de 2003/04, durante o período,

A média de exportação de petróleo bruto (direto e sob recompra) aumentou 15,7% para alcançar 2.442,6 mil b/d (cota estabelecida pela OPEP). O aumento da exportação de petróleo bruto e o aumento significativo na exportação de gás liquefeito elevou a exportação de produtos petrolíferos e ajudou no valor agregado do setor, que cresceu 12,9%, em termos reais, 44.493 bilhões de rials (CBI, 2004).

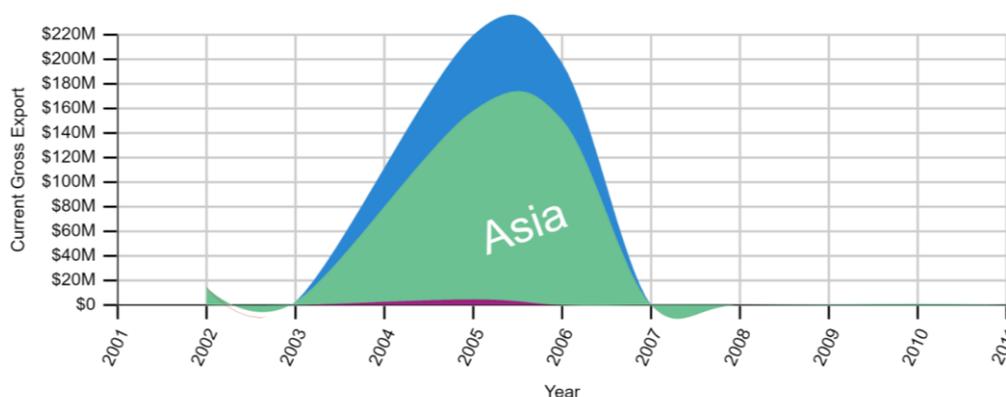
De fato, a invasão estadunidense ao Iraque impossibilitou esse país de manter sua produção de petróleo, fazendo com que os preços da *commoditie* nos mercados mundiais crescessem e outros países, como no caso do Irã, precisassem aumentar sua produção e exportação no setor. O relatório iraniano ainda coloca que o aumento das receitas do petróleo elevou as reservas cambiais iranianas do Banco Central e no OSF (*Oil Stabilization Fund*). Os gráficos abaixo ilustram o crescimento das exportações iranianas de petróleo bruto e gás liquefeito entre o período de 2001 a 2011:

Figura 6: Exportações iranianas de petróleo bruto de 2001 a 2011⁵



Fonte: *The Atlas of Economic Complexity (2021)*

Figura 7: Exportações iranianas de gás liquefeito de 2001 a 2011⁶



Fonte: *The Atlas of Economic Complexity (2021)*

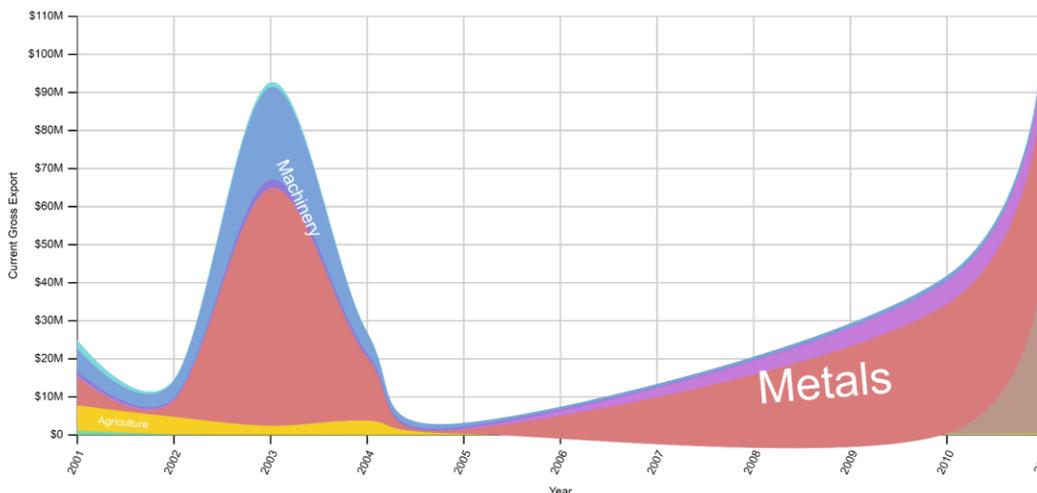
No sentido contrário, as importações iranianas advindas do Iraque também apresentaram um crescimento significativo em 2003 e, apesar de terem caído em meados de 2004, retomaram crescimento nos anos perto do fim da ocupação estadunidense do país, atingindo o valor mais alto dos últimos 10 anos. As exportações do Iraque para o Irã, apesar

⁵ A cor roxa diz respeito ao continente africano e a cor laranja à categoria “Outros”.

⁶ A cor roxa diz respeito ao continente africano e a cor azul à Europa.

de terem crescido em número, não adquiriram muito espaço de mercado no país, consistindo principalmente de metais e maquinarias.

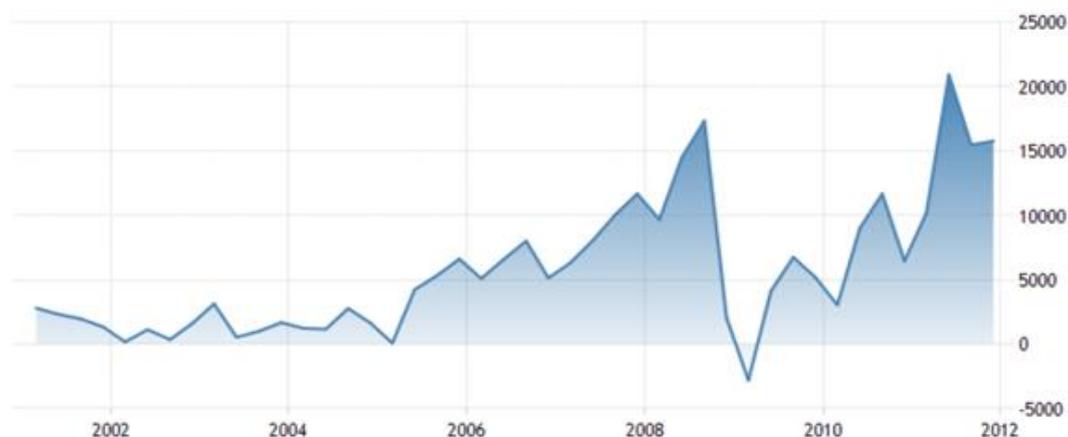
Figura 8: Exportações iraquianas de 2001 a 2011



Fonte: *The Atlas of Economic Complexity (2021)*

Outra análise importante a ser feita diz respeito à balança comercial iraniana no período em questão. Assim como as importações iranianas de produtos do Iraque não apresentaram um grande crescimento, as importações absolutas do país também tiveram um crescimento menor comparado às exportações. Enquanto as importações iranianas cresceram de cerca de 16 bilhões de dólares para um valor um pouco acima de 70 bilhões, as exportações que em 2001 tinham um valor de quase 30 bilhões quase alcançaram a marca de 150 bilhões de dólares. A diferença entre os valores de importação e exportações fica mais clara ao observarmos o gráfico abaixo que evidencia a balança comercial iraniana entre 2001 e 2011.

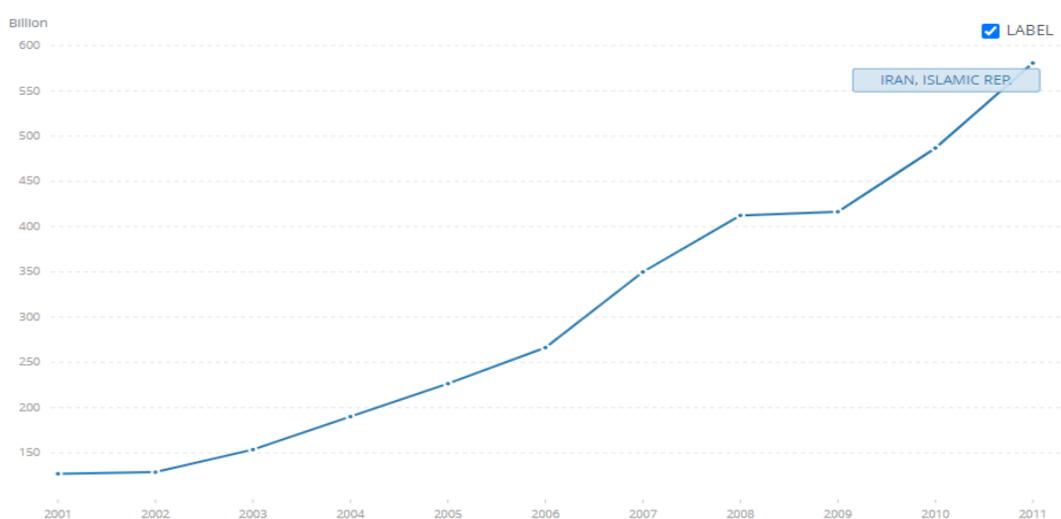
Figura 9: Balança comercial iraniana de 2001 a 2011



Fonte: *The World Bank (2021)*

A melhora na balança comercial e o aumento da produção necessária para atender a demanda interna e externa resultaram em um desempenho bastante positivo do PIB iraniano durante o período entre 2001 e 2011, conforme abaixo:

Figura 10: PIB iraniano de 2001 a 2011



Fonte: *The World Bank (2021)*

Após a apresentação e análise de alguns dados empíricos relacionados à economia iraniana durante o período em questão pode-se perceber que a invasão estadunidense do Iraque não alcançou o objetivo de conter o Irã. No sentido contrário, a política externa da

Doutrina Bush resultou em consequências econômicas positivas para a República Islâmica. Ao observarmos as trocas comerciais entre os dois países vizinhos, concluímos ainda que, para além de ganhos absolutos, o Irã obteve sucesso na estratégia de tornar o Iraque dependente de seus produtos, estreitando ainda mais as relações a bilaterais.

2.2 Análise estratégica

As consequências positivas da invasão do Iraque pelos Estados Unidos para a República Islâmica do Irã não foram apenas econômicas. A influência do Irã em relação ao país vizinho cresceu em outras esferas. A reaproximação entre Irã e Iraque, cujas relações se apresentaram bastante conflituosas por um longo período, está diretamente relacionada, entre outros fatores, à questão religiosa. A geopolítica da região do Oriente Médio e os conflitos entre os países islâmicos estão atrelados às divisões internas da religião. Nesse sentido, a compreensão desta divisão e como ela se caracteriza no século XXI é essencial para entendermos a reaproximação iraniana e iraquiana, assim como a influência iraniana sobre o Iraque após a invasão estadunidense nesse país que destituiu o regime sunita de Saddam Hussein.

Em relação ao Irã, Haji-Yousefi (2009) argumenta que, como resultado da vitória da Revolução Iraniana em 1979, o país tornou-se porto seguro e uma esperança para xiitas em todo o mundo, o que passou a alarmar muitos países árabes com uma população xiita. Em 2005, com a queda de Saddam Hussein, o Iraque, conhecido como a ponta de lança do nacionalismo árabe, passou a ser governado por uma maioria xiita (HAJI-YOUSEFI, 2009). As relações entre os xiitas iraquianos e o governo xiita iraniano já vinham se desenvolvendo anteriormente à mudança de regime, o que foi de grande importância para definir a nova posição iraniana no Iraque pós-invasão. A aproximação entre os dois países devido à nova organização política do Iraque após 2003 havia sido alertada pelo rei Abdullah da Jordânia em 2004. Para Wright e Baker,

Se partidos ou políticos pró-Irã dominarem o novo governo iraquiano, [...] pode surgir um novo "crescente" de movimentos xiitas dominantes ou governos que se estendem do Irã ao Iraque, Síria e Líbano, alterando o equilíbrio tradicional de poder entre os dois principais grupos islâmicos e representando novos desafios para os interesses e aliados dos EUA (WRIGHT e BAKER, 2004).

O discurso do rei jordaniano diz respeito ao Crescente Xiita, uma região no Oriente Médio em forma de lua crescente onde a maioria - ou uma forte minoria - são xiitas. Conforme os defensores do termo, o grupo de países que inclui Líbano, Síria, Bahrein, Iraque, Irã, Azerbaijão, Iêmen e oeste do Afeganistão; estaria sob influência do Irã que, por

sua vez, buscava expandir sua influência e atuação na região. A ideia do Crescente Xiita liderado por um Irã expansionista, entretanto, não está pacificada entre especialistas. Barzegar (2008) refuta a ideia de um Irã expansionista e defende que os objetivos iranianos são mais defensivos e pragmáticos orientados para a construção de um ambiente seguro em suas fronteiras imediatas, de um lado, e, por outro lado, a criação de oportunidades econômicas para fins estratégicos (BARZEGAR, 2008).

Ainda que o papel do Irã no Crescente Xiita não seja uníssono, o crescimento da influência iraniana na região é fato e pode ser visto em diversas esferas. Segundo o *Iran's Networks of Influence* realizado pelo *International Institute for Strategic Studies* (IISS), o Iraque representa um dos pontos mais importantes para a estratégia de política externa do Irã. Assim,

O Iraque continua a representar uma ameaça à segurança nacional iraniana, razão pela qual o Irã tem a intenção de moldar a política interna e orientação estratégica do Iraque. Desde 2003, o Irã penetrou habilmente na população xiita do Iraque, aproveitando sua longa fronteira compartilhada e laços culturais, religiosos e econômicos. A influência do Irã é multifacetada e inclui alcance a um amplo espectro de atores políticos e sociais (IISS, 2020, p. 121, tradução livre).

Para alcançar seus objetivos no Iraque, a República Islâmica investiu seu capital estratégico em um amplo portfólio de grupos políticos e militantes iraquianos (IISS, 2020). De acordo com Ahmed Ali (2011), o Irã possuía três objetivos políticos no Iraque: unir os partidos xiitas do país para eles poderem traduzir seu peso demográfico; posicionar-se como um mediador externo influente para quando surgisse a necessidade de mediação; e impedir que partidos não islâmicos ganhassem o poder.

O Irã, assim, passou a atuar em organizações políticas da nova democracia iraquiana, o que foi facilitado pelas relações já existentes entre os países e suas comunidades xiitas. De acordo com Michael Eisenstadt (2015), além da influência iraniana sobre os partidos xiitas e curdos, o país também apoiou grupos insurgentes, milícias xiitas e aumentou seu poder nos domínios econômico, religioso e informacional. Desse modo,

Teerã encorajou seus aliados mais próximos - Badr, o Conselho Supremo Islâmico do Iraque (ISCI), Dawa e os Sadristas - a participarem da política e ajudarem a moldar as instituições nascentes do Iraque. O país tem apoiado uma série de partidos e movimentos díspares para maximizar suas opções e garantir que seus interesses sejam promovidos, não importa qual partido iraquiano saia por cima (EISENSTADT, 2015).

A invasão estadunidense que resultou na queda do regime de Saddam Hussein representou uma oportunidade para alguns dos aliados locais da República Islâmica do Irã ocuparem o novo vácuo de poder no Iraque e ascenderem politicamente. Dentre os principais aliados do Irã no período encontrava-se o Conselho Supremo Islâmico do Iraque (CSII), o partido Dawa, o movimento Sadrista e os partidos curdos.

O Conselho Supremo Islâmico do Iraque foi estabelecido em Teerã em 1982 por iraquianos expatriados durante a Guerra Irã-Iraque e que retornaram ao seu país apenas em 2003. De acordo com Eisenstadt (2015), a milícia do CSII, chamada Badr, foi treinada e controlada pelo Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica e lutou ao seu lado durante o conflito da década de 1980. Após retornar ao Iraque em 2003 e se estabelecer no sul do país com o objetivo de proteger a região, muitos milicianos Badr foram integrados às forças de segurança iraquianas, especialmente o exército e a polícia nacional (EISENSTADT, 2015). Já o partido Dawa foi fundado em 1950 e se apoiou na República Islâmica do Irã por algum tempo antes de ressurgir no Iraque. Para Eisenstadt (2015), o partido ingressou no processo político, e seu líder, Nuri al-Maliki, foi selecionado como primeiro-ministro nas eleições parlamentares de dezembro de 2005. As ligações com o movimento Sadrista e os partidos curdos também foram de extrema importância para fortalecer a posição iraniana na política do Iraque, estes também passaram a conquistar bastante apelo social e visibilidade política com a nova democracia iraquiana.

As eleições parlamentares iraquianas de dezembro de 2005 contaram com 12.191.133 votos válidos e tiveram como resultado um parlamento em que as forças xiitas e ligadas ao Irã se destacaram. A Aliança Unida Iraquiana (AUI), coalizão formada majoritariamente de partidos xiitas, conquistou a maioria das cadeiras no parlamento, seguida pela Aliança Patriota Democrática do Curdistão. Dos 128 assentos parlamentares conquistados pela AUI, 30 delas pertenciam ao Conselho Supremo Islâmico do Iraque, outras 30 ao partido do líder Sadrista Moqtada al-Sadr, e 29 ao Partido Islâmico Dawa:

Tabela 4: Resultado das Eleições Parlamentares de 2005

Partido	Votos	%	Cadeiras
United Iraqi Alliance	5,021,137	41,19%	128
Democratic Patriotic Alliance of Kurdistan	2,642,172	21,67%	53
Iraqi Accord Front	1,840,216	15,09%	44
Iraqi National List	977,325	8,02%	25
Iraqi National Dialogue Front	499,963	4,10%	11
Kurdistan Islamic Union	157,688	1,29%	5
The Upholders of the Message	145,028	1,19%	2
Reconciliation and Liberation Bloc	129,847	1,07%	3
Iraqi Turkmen Front	87,993	0,72%	1
Rafidain List	47,263	0,39%	1
Mithal al-Alusi List	32,245	0,26%	1
Yazidi Movement for Reform and Progress	21,908	0,18%	1
Other parties	588,348	4,83%	0
Total	12,191,133	100%	275

Fonte: Elaboração própria com base em *Inter-Parliamentary Union Database (2021)*

A influência iraniana no Iraque, porém, não se resume apenas às esferas econômicas e políticas. A invasão estadunidense ao Iraque reestruturou completamente as redes de comunicações no país, anteriormente controladas por Saddam Hussein. A nova organização da mídia iraquiana permitiu o surgimento de novos canais e meios de comunicação apoiados e financiados por diversos grupos políticos e religiosos que passaram a disseminar mais facilmente informações e propagandas partidárias. A mídia iraquiana passou a ser, para o Irã, um dos principais instrumentos de influência e atuação nesse país.

De acordo com Arango, durante a ocupação estadunidense, a República Islâmica obteve vantagem nos veículos midiáticos com rádios e novos canais de televisão montados com dinheiro iraniano e ligados a milícias xiitas. Assim, canais de TV transmitem programas simpáticos ao Irã e cobrem notícias retratando o vizinho como protetor do Iraque em relação aos “intrusos” estadunidenses (ARANGO, 2017). Para Massoumeh Torfeh, a vasta rede de mídia iraniana financiada e liderada pela IRGC (*Islamic Revolutionary Guard Corps*) projeta diretamente a política regional do país, tornando-se um dos principais instrumentos da

política externa iraniana. Uma das principais empresas de comunicação da República Islâmica é a *Islamic Republic of Iran's Broadcasting* (IRIB), cujo orçamento anual em 2009 foi de 900 milhões de dólares empregando 46.000 pessoas e detentora de cinco canais televisivos: Sahar, AlKawthar, Al-Alam, Qods TV e Press TV (TORFEH, 2017). A IRIB tornou-se uma das maiores organizações de mídia no Oriente Médio e está presente em países como Síria e Líbano, além do Iraque.

A criação da União Islâmica de Rádio e Televisão (UIRT) em 2007 sob o domínio do Ministério da Cultura e Orientação Islâmica do Irã também foi importante para a difusão dos ideais iranianos na região. Atualmente, com mais de 210 afiliados em trinta e cinco países (a maioria no Oriente Médio), a UIRT conta com canais de televisão por satélite, estações de rádio, agências de notícias, centros de treinamento, empresas de produção de mídia e centros de pesquisa (MALIK, 2021). De acordo com Malik (2021), a influência da UIRT é maior no Iraque e no Líbano e se apoia nas atividades políticas e militares nesses países. O uso da mídia pelo Irã no Iraque, entretanto, não se restringe a essas organizações. Há outros meios de comunicação iraquianos pertencentes a milícias apoiadas pelo Irã: Televisão al-Etejah, Al Ahad, al-Nujaba e al-Baenah, por exemplo (MALIK, 2021). Entre as forças políticas xiitas apoiadas pelo Irã, o CSII controla três canais: Al-Furat em Bagdá, Al-Nahrayn em al-Kut e Al-Ghadir em Najaf (WAGNER et al, 2018).

A proximidade política e econômica entre Irã e Iraque influenciou também o crescimento de outra atividade benéfica para ambos os países em termos econômicos e culturais: o turismo religioso. De acordo com Moeh e Abdullah (2016), a abertura das fronteiras entre os países trouxe um aumento no turismo religioso com um milhão de iraquianos visitando os santuários xiitas em cidades iranianas como Qum e Mashhad, além de um número semelhante de iranianos visitando os santuários xiitas iraquianos em Najaf, Kazimiyah e Karbala. Incentivos iranianos tiveram um papel importante para o desenvolvimento da atividade. Em 2008, empresas iranianas construíram um aeroporto para peregrinos perto de Najaf e criaram uma rede de estradas pavimentadas entre Basra e o sudoeste do Irã (IGNATIEV, 2017). Segundo o embaixador do Iraque em Teerã, Mohammed Majid al-Sheikh (*apud* BARNARD, 2007), cerca de 750 mil iraquianos viajaram ao Irã desde a queda de Hussein em 2003, a maioria deles com vistos de peregrino de três meses. Assim,

Muitos [iraquianos] agora veem seu inimigo em tempo de guerra como um vizinho inofensivo, talvez até mesmo um modelo a ser seguido - onde o governo religioso parece mais estável do que o experimento pluralista, mas caótico, de democracia em casa. O governo iraniano aproveitou a oportunidade para exercer o *soft power* de persuasão ao tornar os vistos de

peregrino baratos e fáceis de obter. [O Irã] recebe mais de 1.500 iraquianos por ano para tratamento médico, oferece aos peregrinos mais pobres moradia gratuita, instrução religiosa e lembretes de que a invasão do Irã por Saddam Hussein desencadeou a guerra que matou centenas de milhares de iraquianos (BARNARD, 2007).

Os benefícios da ascensão do turismo religioso entre Irã e Iraque não são apenas econômicos. A maior mobilidade entre os habitantes dos países permitiu a difusão de ideologias e princípios, fortalecendo ainda mais a relação transnacional entre os muçulmanos xiitas de ambas as nações.

A aproximação bilateral entre Irã e Iraque no pós-invasão, por outro lado, não ficou reduzida apenas ao âmbito regional. De acordo com Barzegar (2008), a política externa iraniana no Iraque é o resultado de três considerações da República Islâmica: a necessidade de lidar com a possível ameaça do Iraque, historicamente um país rival; o desejo de escapar a noção do sistema internacional de um Iraque como instrumento para balancear o poder iraniano; e a percepção de um cerco estadunidense na região. Em relação ao primeiro ponto, o sucesso iraniano em tornar o Iraque um Estado cliente economicamente e a aproximação religiosa das nações, não apenas tornaram a ameaça vizinha praticamente inexistente, como também transformaram o Iraque em garantia econômica contra as sanções e embargos ocidentais à República Islâmica. Em relação ao segundo tópico, a cooperação entre Irã e Iraque no âmbito internacional também auxiliou a posição iraniana na região e em relação ao sistema internacional, principalmente em termos defensivos. Um exemplo pode ser visto ao analisarmos as posições iraquianas nas votações da Assembleia Geral da ONU em resoluções ligadas à proteção de direitos humanos no Irã. Anteriormente à invasão estadunidense, as decisões do Iraque eram contrárias ao Irã, posição que se altera após 2003:

Tabela 5: Votações Irã e Iraque em Resoluções da ONU relacionadas aos Direitos Humanos no Irã

	Resolução	Irã	Iraque
1992	A/RES/47/146 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	Y
1993	A/RES/48/145 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	Y
1994	A/RES/49/202 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	Y
1995	A/RES/50/188 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
1998	A/RES/53/158 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
2001	A/RES/56/171 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
2003	A/RES/58/195 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
2004	A/RES/59/205 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	N
2005	A/RES/60/171 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	A
2006	A/RES/61/176 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
2007	A/RES/62/168 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
2008	A/RES/63/191 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X
2009	A/RES/64/176 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	N
2010	A/RES/65/226 - Situation of human rights in the Islamic Republic of Iran : resolution / adopted by the General Assembly	N	X

Fonte: Elaboração própria com base em *United Nations Digital Library*, 2021

A República Islâmica adquiriu também certo apoio de seu vizinho no que diz respeito ao programa nuclear iraniano que vem sendo desenvolvido desde a década de 1950 e é uma das causas de tensões entre o Irã e os Estados Unidos. O esforço iraniano na militarização das milícias xiitas no Iraque e o investimento da República Islâmica na reconstrução do país por meio do fornecimento de tratamento hospitalar e cirurgia para feridos iraquianos, abastecimento do país vizinho com 2 milhões de litros de querosene por dia e 20% do gás de cozinha do país, entre outros, servem como garantia de apoio contra eventuais ataques contra a nação (CARPENTER e INNOCENT, 2007).

Por fim, o que se apresenta com esses dados é que os Estados Unidos, ao derrubarem o regime de Saddam Hussein, permitiram que a República Islâmica pudesse reorganizar sua posição estratégica no Oriente Médio e projetar essa posição nos países vizinhos. De acordo com Barzegar (2005), é impossível negar o novo papel de potência regional adotado pelo Irã no Oriente Médio. Enquanto durante a invasão do Iraque os Estados Unidos adotaram estratégias ofensivas com o objetivo de se tornar um *hegemon*, a estratégia iraniana tem sido vista como voltada à busca de segurança por meio de alianças e manutenção da nova balança de poder formada após a invasão estadunidense do Iraque.

Considerações finais

Esse artigo buscou analisar as consequências econômicas e estratégicas para o Irã com a invasão estadunidense ao Iraque. Para isso, utilizamos de dados primários que foram sintetizados em tabelas ou gráficos. Em um primeiro momento, foi possível perceber como a política externa ofensiva da Doutrina Bush justificou a invasão ao Iraque que tinha como objetivo a sua manutenção hegemônica. Em um segundo momento, o panorama histórico das Repúblicas do Irã e do Iraque traçado aqui tornou possível a compreensão da formação desses Estados e permitiu que fossem destacadas as similaridades e diferenças sociopolíticas

entre os países vizinhos, facilitando a compreensão dos acontecimentos pós-invasão. Nesse sentido, foi destacado o papel que a vertente xiita do islamismo (maioria em ambos os países) e que a função estratégica da religião, do turismo e da mídia na geopolítica da região possuíram na aproximação pós-2003. Por fim, a análise dos dados econômicos e estratégicos serviu para testar a hipótese apresentada inicialmente e explorar como as ações tomadas pelos Estados Unidos em 2003 tiveram um impacto positivo econômica e estrategicamente para o Irã nos anos seguintes. Nesse sentido, foi observado que o sucesso iraniano em tornar o Iraque um Estado-cliente de suas exportações, em conjunto com a questão xiita e outras características identitárias semelhantes, resultaram em uma forte aproximação das duas nações após a invasão do Iraque. Foi apontado também, através de índices políticos e econômicos nacionais e internacionais, que esta aproximação foi benéfica para o Irã ao conquistar um novo parceiro econômico sólido e apoio em questões internacionais.

Bibliografia

ALI, Ahmed. Iran's Influence in Iraq. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2011. Disponível em <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/irans-influence-iraq#main-content>, acesso em: 03/2021.

AMINEH, Mehdi. **The Greater Middle East in Global Politics**: social science perspectives on the changing geography of the world politics. [S.L]: Brill, 2007.

ARANGO, Tim. Iran Dominates in Iraq After U.S.. **New York Times**, 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/07/15/world/middleeast/iran-iraq-iranian-power.html>, acesso em: 11/2020.

BARNARD, Anne. Iran is a hot destination for Iraqis seeking calm. **The Boston Globe**, 2007. Disponível em: http://archive.boston.com/news/world/middleeast/articles/2007/05/13/iran_is_a_hot_destination_for_iraqis_seeking_calm/?page=3, acesso em: 05/2021.

BARZEGAR, Kayhan. Iran's Foreign Policy in Post-Invasion Iraq. **Middle East Policy**, v. 15, n. 4, p. 47-58, dez. 2008. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-4967.2008.00368.x>, acesso em 04/2021.

BBC NEWS. As diferenças entre sunitas e xiitas, que explicam boa parte dos conflitos no Oriente Médio. **BBC Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51068470>, acesso em: 03/2021.

BRITTO, Christiane. **O paradigma realista e a doutrina Bush**: o que mudou na política externa Norte-Americana. 2003. Monografia (Graduação), Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003.

- BUSH, George. **Text of President Bush's 2002 State of the Union Address**. 2002. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/sou012902.htm>, acesso em 02/2021.
- CARPENTER, Ted; INNOCENT, Malou. The Iraq War and Iranian Power. **Survival**, v. 49, n. 4, p. 67-82, dez. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00396330701733845>, acesso em 04/2021.
- CENTRAL BANK OF THE ISLAMIC REPUBLIC OF IRAN. Annual Review 1389 (2010/11). 2011. Disponível em: <https://www.cbi.ir/>, acesso em 02/2021.
- CLEVELAND, William.; BUNTON, Martin. **A history of the modern Middle East**. Nova Iorque: Routledge, 2018.
- CRAWFORD, Neta. United States Budgetary Costs and Obligations of Post-9/11 Wars through FY2020: \$6.4 Trillion. **The Watson Institute for International and Public Affairs**, 2019. Disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2019/US%20Budgetary%20Costs%20of%20Wars%20November%202019.pdf>, acesso em: 02/2021.
- DEFRONZO, James. **The Iraq War: origins and consequences**. Nova Iorque: Routledge, 2018.
- EISENSTADT, Michael. Iran and Iraq. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2015. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/iran-and-iraq>, acesso em: 04/2021.
- GOMES, Aureo. Doutrina Bush: uma análise de política externa. **Relações Internacionais do Mundo Atual**, Curitiba, v. 1, n. 5, p. 33-56, 2007.
- HAJI-YOUSEFI, Amir. Whose Agenda Is Served by the Idea of a Shia Crescent? **Alternatives: Turkish Journal of International Relations**, v. 8, n. 1, p. 114-135, jan. 2009.
- HEYDARIAN, Javad. Iran Gets Close to Iraq. **The Diplomat**, 2012. Disponível em: <https://thediplomat.com/2012/01/iran-gets-close-to-iraq/>, acesso em: 04/2021.
- INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. 2021. Disponível em: <https://www.iea.org/>
- IGNATIEV, Pavlo. Iraq: Years of Post-Saddam Internal and External Developments. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, p. 36-61. jun. 2017.
- IISS. THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES. **Iran's Networks of Influence in the Middle East**. [S.L]: Routledge, 2020.
- INTER PARLIAMENTARY UNION. 2021. Disponível em: http://archive.ipu.org/parline-e/reports/arc/2151_05.htm
- MALIK, Hamdi. Understanding Iran's Vast Media Network in Arab Countries. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2021. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/iran-and-iraq>, acesso em: 05/2021.
- MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2001.
- MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. An Unnecessary War. **Foreign Policy**. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2009/11/03/an-unnecessary-war-2/>, acesso em: 02/2021.
- MOEH, Hussein; ABDULLAH, Kamarulnizam. Iranian Interests In Iraq In The Post-Saddam Era. **International Journal Of Management And Applied Science**, p. 1-6, mai. 2016.
- PANARMENIAN. **Iran should be thankful to U.S.** 2008. Disponível em <https://www.panarmenian.net/eng/world/news/24638/>, acesso em: 10/2020.
- PECEQUILO, Cristina. **Política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PECEQUILO, Cristina; BATISTA, Glauco. As consequências da Doutrina Bush para as políticas de segurança na América Latina. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, Marília,

v. 9, n. 1, p. 64-80, maio 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1415-8612.2009.v9n1.262>, acesso em: 01/2021.

RESENDE, Erica. Uma Análise da Doutrina Bush no Décimo Aniversário do Onze de Setembro. **Textos e Debates**, v. 1, n. 18, p. 7-18, 11 jan. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18227/2217-1448ted.v1i18.1167>, acesso em: 01/2021.

SALEHI-ISFAHANI, Djavad. Iran's economy 40 years after the Islamic Revolution. **Brookings**, 2019. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/03/14/irans-economy-40-years-after-the-islamic-revolution/>, acesso em: 05/2021.

SIPRI ARMS TRANSFER DATABASE. 2021. Disponível em: https://armstrade.sipri.org/armstrade/html/export_values.php

THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY. 2021. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/>

THE WORLD BANK. **World Bank Open Data**, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>

TORFEH, Massoumeh. The Role of Iran's Regional Media in its Soft War Policy. **Al Jazeera Centre for Studies**, 2017. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/iran-and-iraq>, acesso em: 04/2021.

TRADING ECONOMICS. 2021. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/>

UNITED NATIONS. **United Nations Digital Library**: Conselho de Segurança. Resolução 1378, 12 de setembro de 2001. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/448051>, acesso em: 05/2021.

WAGNER, Peter; GLIOTI, Andrea; DAWOOD, Hussein. **Iraq Media**. 2018. Disponível em: <https://medialandscapes.org/country/iraq/media/introduction>, acesso em: 05/2021.

WRIGHT, Robin; BAKER, Peter. 2004. Iraq, Jordan See Threat to Election from Iran Leaders Warn Against Forming Religious State. **The Washington Post**, 2004. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2004/12/08/iraq-jordan-see-threat-to-election-from-iran/7e0cc1bc-aeb3-447a-bc9e-cfa5499699bc/>, acesso em: 05/2021.